

(Re)tecendo *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo: uma reinterpretação a partir do trabalho e da ecosofia

RESUMO

Marta Botelho Lira
martablira297@gmail.com
Universidade Federal do Paraná (UFPR),
Curitiba, Paraná, Brasil.

Este artigo busca investigar as relações de trabalho e a ecocrítica no romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, sob uma perspectiva crítica fundamentada nas teorias de José Paulo Netto e Marcelo Braz, em *Economia política: uma introdução crítica* (2006). Para isso, a análise literária enfoca o personagem João Romão, discutindo as interferências do sistema capitalista, do qual ele pode ser compreendido como uma metáfora enraizada. Além disso, esta interpretação também se apoia nas teorias de Félix Guattari, em *As três ecologias* (2012), e de Michael Löwy, em *O que é o ecossocialismo?* (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira. Modo de produção. Romance. Ecocrítica. Século XIX.

INTRODUÇÃO

Aluísio Tancredo Gonçalves Azevedo ou Aluísio Azevedo nasceu em 14 de abril de 1857, no Maranhão. Ele é responsável pela criação de importantes obras que definem o Naturalismo brasileiro, como *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1890) e *O Cortiço* (1890), segundo a pesquisadora Patrícia Alves Carvalho Corrêa, autora do livro *Um certo Aluísio Azevedo: além ou aquém do Naturalismo* (2019).

Este movimento no Brasil teve uma influência significativa nos pensamentos desenvolvidos no século XIX.

Os desdobramentos do evolucionismo social foram responsáveis também por teorias de determinismos geográficos, que pressupunham que o clima e vegetação tinham ligação direta com as características raciais, assim, novamente se utilizando de uma visão científica eurocêntrica, os especialistas chegaram à conclusão que o clima tropical, característico de regiões latinas, era determinante para explicar sua inferioridade e degeneração, características opostas às raças de clima ameno (Leite, 2016, p. 8)

Nessa visão eurocêntrica, adotou-se no Brasil alguns tipos de determinismo, por exemplo, o racial, em que as pessoas de “raça negra” eram inferiores a pessoas de “raça branca”, assim como determinismo geográfico. Nesse, os países mais pertos de áreas tropicais eram considerados inferiores aos que estavam mais longe dessas localizações.

Nesse cenário de um país do século XIX vivido por Aluísio de Azevedo, têm-se rastros do Brasil Império em transição para o Brasil República no romance *O Cortiço*, por exemplo, a passagem em que o narrador descreve quando João Romão recebe uma homenagem de um grupo de abolicionistas: “Nesse momento à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito” (Azevedo, 2019, p. 211). Algumas dessas ideias influenciaram escritores da época, como Azevedo. No entanto, o objetivo deste artigo é desviar a atenção da obra como um “romance de tese”, termo usado para descrever os romances produzidos naquele período, e explorar outras temáticas também presentes na obra. Nesse contexto, serão apresentadas interpretações teóricas sobre trabalho e ecologia para uma nova leitura da obra.

Primeiramente, para fundamentar a discussão, serão introduzidas as obras de Michael Löwy, *O é que o ecossocialismo?* (2014), e Félix Guattari, *As três ecologias* (2012). Löwy define o ecossocialismo como uma proposta estratégica que integra a crítica marxista do capitalismo à reflexão ecológica, visando uma transformação radical das estruturas produtivas e sociais, nas palavras dele:

Portanto, o que é o ecossocialismo? Trata-se de uma corrente de pensamento e de ação ecológica que faz suas aquisições fundamentais do marxismo – ao mesmo tempo que o livra das suas escórias produtivas. Para os ecossocialistas a lógica do mercado e do lucro – assim como a do autoritarismo burocrático de ferro e do “socialismo real” – são incompatíveis com as exigências de preservação do meio ambiente natural. Ainda que critiquem a ideologia das correntes dominantes do movimento operário, eles

sabem os trabalhadores e suas organizações são uma força essencial para qualquer transformação radical do sistema, e para o estabelecimento de uma nova sociedade, socialista e ecológica. (Löwy, 2014, p.44).

Ele entende que o ecossocialismo, uma corrente de pensamento fundamentada no marxismo, diverge de algumas ideias, como a produtividade; isto é, a concepção de lucro é incompatível com a conservação do meio ambiente. Continua a expor sobre essa escola de pensamento, que tem como pioneiros Manuel Sacristan, Raymond Williams, Rudolf Bahro entre outros autores. Ele enfatiza que o ecossocialismo não é uma corrente homogênea, mas alguns de seus teóricos compartilham ideais convergentes, particularmente a ideologia de progresso na perspectiva capitalista, a noção de expansão infinita do sistema de produção e a exploração desmedida da natureza

Corroborando com a discussão, Félix Guattari (2012), expressa preocupação às ações humanas – a do personagem citado e da ideia do desenvolvimento – que estão ocasionando um desequilíbrio ecológico ameaçador à vida. Esse desequilíbrio interfere nas relações sociais, ambientais e psíquicas, gerando uma “ossificação” da vida, desemprego, marginalidade opressiva, angústia, neuroses, como também, o aumento da exploração de elementos naturais.

Para enfrentar esses problemas, Guattari (2012) propõe a Ecosofia, uma teoria integrada interdisciplinar que articula as relações entre os seres vivos, a sociedade e o meio ambiente. Essa abordagem funciona como um modelo ético-político destinado a revitalizar antigas concepções sobre o ser humano, a sociedade e o ambiente. O teórico denomina três ecosofias: a ambiental, a social e a subjetiva.

Ambos os autores propõem uma mudança de vida em escala planetária para extinguir ou diminuir essas catástrofes. Havendo, primeiramente, uma revolução política, social e cultural dando novos objetivos ao modo de produção dos bens materiais. Conforme Löwy (2014), pode-se pensar que uma das maiores contribuições da ecologia é de fazer com que a sociedade tome consciência dos perigos ameaçadores no planeta, isso é consequência do modo de produção de consumo. Esse crescimento exponencial das agressões ao meio ambiente ameaça uma ruptura do “equilíbrio” ecológico e ocasionando um cenário catastrófico.

Diante dessas problemáticas ecológicas e ecosófica, propõe-se uma leitura ecocrítica do romance *O cortiço* (2019), de Aluísio Azevedo. A narrativa ambientada no Rio de Janeiro em pleno período pré-abolicionista, tem como um de seus principais protagonistas um homem capitalista – proprietário de um cortiço, de uma pedreira e de uma taverna – que explora demais personagens de forma predatória, adotando um comportamento nitidamente antiecológico.

Para a elaboração deste artigo, o enfoque ecológico será entrelaçado com a temática do trabalho. Nesse sentido, além dos dois teóricos citados, a interpretação se apoiará nas ideias de Netto e Braz em *Economia política: uma introdução crítica* (2006), que discutem detalhadamente a teoria marxista sobre o trabalho.

Essa compreensão pode remeter à teoria de Félix Guattari (2012) quando aborda acerca dos três registros ecológicos: ecologia social, ecologia mental e ecologia ambiental. Vale ressaltar que nesta obra de Azevedo a natureza: flora e fauna, não é tão evidenciada como em obras consideradas paradigmas da ecocríticas, como *Silent Spring*, de Rachel Casson, contudo, no romance, alguns

acontecimentos podem ser interpelados por um olhar ecocrítico articulado à teoria do trabalho. Dito isto, este artigo questiona: como as relações ecosóficas e a do trabalho compõem a narrativa de *O Cortiço*?

Assim, este artigo tem como objetivo investigar como essas relações ecosóficas – ou os registros ecológicos, defendidos por Félix Guattari – e as dinâmicas do trabalho se entrelaçam no romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (2019). Para tanto, na seção seguinte, será destacado o personagem João Romão como o ápice do comportamento capitalista, predatório presente na narrativa, a partir de suas relações com outros personagens e consigo. Por fim, as considerações finais.

REVISITANDO A NARRATIVA A PARTIR DA ECOCRÍTICA

Em *O Cortiço* (2019), a narrativa desenvolve-se em um Brasil abolicionista¹, ainda sob o governo imperial, conforme evidencia o trecho: “a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade” (Azevedo, 2019, p.7). Além disso, conforme Massaud Moisés (1999), o romance alinha-se a uma cosmovisão que abrange tanto os pormenores quanto o macro em sua narrativa. Ele destaca: “*O Cortiço* objetiva tão-somente desenhar o pano de fundo para o conflito entre o sobrado e a morada coletiva, e, dentro de cada um desses tablado, das personagens entre si.” (Moisés, 1999, 167). Assim, Azevedo se atenta tanto ao individual quanto ao coletivo, ao material e ao imaterial. Retomando a personagem, a escrava Bertoleza jamais iria fazer parte da nobreza brasileira. Ela é descrita em sua maioria das vezes como suja e crioula, conforme o excerto:

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada no serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais escrava e rasteira (Azevedo, 2019, p. 134).

Além disso, mesmo após sua suposta alforria, já que João Romão a engana para ficar com o dinheiro dela e para construir o cortiço.

A personagem também é descrita como submissa a ele, sempre trabalhando incansavelmente:

“Bertoleza representava agora ao de João Romão o papel de tríplice de caixeiro, de criada e de amante. [...]; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores da pedreira” (Azevedo, 2019, p. 9).

No contexto da narrativa, a teoria dos modos de produção é uma categoria central para compreensão de senso da humanidade. Em outras palavras, Marx, de acordo com os teóricos Netto e Braz (2006), acredita que o trabalho é um processo histórico que emerge a partir de um ser social, nas palavras dos autores:

estamos afirmando que o trabalho, tal como o viemos caracterizando até aqui, só deve ser pensado como atividade exercida exclusivamente por homens, membros de uma sociedade, atividade através da qual – transformando formas naturais em produtos que satisfazem necessidades – se cria a riqueza social; estamos afirmando mais: que o trabalho não é apenas

uma atividade específica de homens em sociedade, mas é, também e ainda, o processo histórico pelo qual surgiu o ser desses homens, o ser social.” (Netto e Braz, 2006, p. 46)

O trabalho é um fator importante para determinar o ser social, em outras palavras, é uma categoria central para compreensão de senso de humanidade. Nesse sentido, quem é a Bertoleza na humanidade? Onde ela se encaixa na sociedade a partir do seu trabalho? Por ela ser escrava, isso a restringe a esse lugar, sendo definida dentro da sociedade. Para Netto e Braz (2006), o capital transcendente a ideia de conjunto de coisas ou de objeto; ele é; na verdade, uma relação social atrelada à força de trabalho.

Engessar um ser dentro de uma sociedade pode ser prejudicial tanto a ele quanto ao meio ao qual pertence, tolhendo novas possibilidades de "ser". Apesar de o livro se passar na época abolicionista, quando a tecnologia ainda estava em processo de avanço, há um perigo e um desequilíbrio ecológico nas relações como a de Bertoleza. A escravização de um ser vivo pode ser compreendida como uma violação da ecosofia social, afetando negativamente a sociedade. Esse sistema fere um grupo social na história real e irreai, pois os descendentes dos povos africanos eram considerados inferiores aos outros seres. Em termos de ecosofia, Guattari (2012) argumenta que, enquanto o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos poderia potencialmente resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta, há uma incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas de se apropriarem desses meios para torná-los operativos, o que reflete a desconexão entre avanços tecnológicos e as transformações sociais necessárias para sua aplicação efetiva.

Corroborando com a temática, Löwy (2014) defende que uma das maiores contribuições da ecologia é a de fazer com que a sociedade tome consciência dos perigos ameaçadores ao planeta, os quais são consequência do modo de produção voltado ao consumo. A isso, soma-se o estado psíquico do indivíduo, bem como a interferência do modelo capitalista nas relações sociais. Esse crescimento exponencial das agressões ao meio ambiente, que afeta também as estruturas sociais e a psique humana, ameaça uma ruptura do "equilíbrio" ecológico, ocasionando um cenário catastrófico. Um exemplo disso é a escravidão de seres vivos, como no caso de Bertoleza, que, para não permanecer nessas condições, foge. Conforme é apresentado pelo narrador, após sua fuga, ela se instala no Rio de Janeiro e abre uma pequena quitanda:

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quintanda era a mais bem-afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono de vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha parte de quase que o necessário para a alforria. [...] “Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escapar pr’ali, todos os meses vinte mil-réis em dinheiro!” (Azevedo, 2019, p. 7)

Retomando à temática do trabalho, nesse modelo de produção de sobrevivência da personagem, conseguimos observar uma Produção Mercantil Simples, que, segundo Netto e Braz (2006), se baseia em relações de troca direta entre pequenos produtores e consumidores, com a presença do proprietário em todas as etapas do processo. O objetivo principal é a subsistência do produtor e a satisfação das necessidades locais, com menor foco em acumulação de capital.

Além disso, a organização é em pequena escala, menos formalizada e mais artesanal, moldando, assim, os modos de produção na literatura de Azevedo.

O que difere do Modo de Produção de João Romão, contudo, para explicar melhor isso, primeiramente apresenta-se o personagem como um dos principais da trama, cuja vida está interligada a todos os outros personagens, tanto de forma direta quanto indireta. No começo do romance, ele é retratado como um personagem paupérrimo e explorado por outro português, conforme o excerto a seguir:

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro de Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro. (Azevedo, 2019, p. 7)

Além da relação que tem com a Bertoleza, de ter juntado seus bens e multiplicado, ao longo da narrativa é possível observar a ascensão de João Romão e do cortiço. Obcecado pelo lucro, ele possuía hortas em seu terreno, das quais “recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria;” (Azevedo, 2019, p. 16). Também era dono de galinhas, que “produziam muito e ele não comia um ovo, do que, no entanto, gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores.” (Azevedo, 2019, p. 17).

João Romão, interpelado por um sistema capitalista, perde-se na concepção de ser vivo, ao ponto de o narrador evidenciar seu comportamento como “uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda” (Azevedo, 2019, p. 17). Esse comportamento levanta a seguinte inquietação: além de se aproveitar dos outros personagens para ascender socialmente, tomando atitudes drásticas, como comer o resto de alimento de outros personagens, pode-se pensar que Bertoleza, os trabalhadores da pedreira e até João Romão como seres alienados? Conforme defendem Braz e Netto (2006), a alienação social ocorre quando há exploração de homem sobre outro. O que distancia o indivíduo do processo de humanização:

“Com seus fundamentos na organização econômico-social da sociedade, na exploração, a alienação penetra o conjunto das relações sociais. Manifestando-se primeiramente nas relações de trabalho (entre o trabalhador, seus instrumentos de trabalho e seus produtos), a alienação marca as expressões materiais e ideais de toda a sociedade – esta e seus membros movem-se numa cultura alienada que envolve a todos e a tudo: as objetivações humanas, alienadas, deixam de promover a humanização do homem e passam a estimular regressões do ser social.” (NETTO e BRAZ, 2006, p. 57)

Isso é o que acontece no sistema capitalista, visto que: “O capital é uma formidável máquina de quantificação. Só reconhece o cálculo das perdas e dos lucros, as cifras da produção, a medida dos preços, dos custos e dos ganhos. (Löwy, 2014, p.62)”. O teórico ecossocialista ainda afirma que, para Weber, o capital não é ético. Essa característica “quantitativa” do capitalismo destrói valores qualitativos, como valores éticos. Os valores destruídos são o bem comum, enquanto as práticas mercantis e monetárias, que são quantitativas, destroem valores qualitativos. Para ratificar essa ideia, ele menciona que Marx:

insistia na prioridade do ser dos indivíduos – plena realização das suas potencialidades humanas – em relação ao ter, a posse de bens. Para ele, a primeira necessidade social, a mais imperativa, e a que abria portas do “Reino da Liberdade” era o tempo livre, a redução de jornada de trabalho, o desenvolvimento dos indivíduos no jogo, no estudo, na atividade cidadã, na criação artística, no amor. (Löwy, 1938, p. 64)

Tudo o que João Romão, mesmo sendo o dono, não consegue desfrutar; além disso, incomoda-se com outros moradores do cortiço que se permitem ao deleite, como, por exemplo, as rodas de samba frequentes na pequena estalagem. Essa ganância pelo dinheiro e pelo lucro pode ser compreendida como uma ecosofia subjetiva em desequilíbrio, visto que ele explora e engana outros personagens, além de ser o dono de uma pedreira onde ocorre a exploração de elementos naturais. João Romão parece não se importa com a natureza nem com seus trabalhadores, mas apenas com o lucro. Neste pequeno trecho, é possível observar as condições dos trabalhadores da pedreira:

À esquerda, por cima de um vestígio de rio, que parecia ter sido bebido de um trago por aquele sol sedento, havia uma ponte de tábuas, onde três pequenos quase nus, conversavam assentados, sem fazer sombra, iluminados a prumo pelo sol do meio-dia. Para adiante, na mesma direção, corria um vasto telheiro, velho e sujo, firmado sobre colunas de pedra tosca; aí muitos portugueses trabalhavam de canteiro, ao barulho metálico do picão que feria o granito. [...]. Daí a pedreira restavam apenas uns cinquenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como cal. Aqui, ali, por toda encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. [...]. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbados de calor desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante os contemplavam com desprezo, [...]. A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que mesquinamente lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. (Azevedo, 2019, p. 42)

Ele compra a mão de obra e determina o seu valor. Nas palavras dos teóricos citados, o capitalista “compra a força de trabalho dos trabalhadores pelo seu valor, paga-lhe um salário, que corresponde ao valor de sua reprodução” (Netto e Braz, 2006, p. 113). Nesta pedreira, ele preferia trabalhadores que vivessem no seu cortiço, também descrito em péssimas condições. Na narrativa, percebe-se que ele tem diversos negócios, pois, além da pedreira próxima ao seu cortiço, o português lucra com o trabalho das lavadeiras moradoras em sua estalagem, possui uma taverna e vende refeições para os empregados da pedreira e outros locais. Conforme as ideias de Braz e Netto (2006), o capitalista, o patrão das relações, age sempre com o intuito de lucrar, como se pode observar no trecho a seguir. Para exemplificar isso, pode ser observado o momento de contratação de Jerônimo:

– O diabo é que você quer senta mil-réis... – suspirou João Romão.

– Ah! Nem menos um real!... Mas comigo aqui há de ver o que lhe faço entrar para algibeira! Temos cá muita gente que não precisa estar. Para que tanto macaqueiro, por exemplo? Aquilo é serviço para descanso; é serviço de criança! Em vez de todas aquelas lesmas, pagas talvez a trinta mil-réis.

–... Melhor seria tomar dois trabalhadores de cinquenta, que fazem o dobro do que fazem aqueles monos e que podem servir para outra coisa!

– Pois está fechado o negócio! – deliberou João Romão, convencido de que não podia, por economia, dispensar um homem daqueles. E pensou lá para si: “Os meus setenta mil-réis voltar-me-ão à gaveta. Tudo me fica em casa!” (Azevedo, 2019, pp. 44-45)

Dito isso, Jerônimo torna-se mão de obra que irá gerar um novo valor de mercadoria. Contudo João Romão, o capitalista na relação, “paga o trabalhador equivalente ao valor de troca da sua força de trabalho e não o valor criado por ela na sua utilização (uso) – este último é maior que o primeiro” (Netto e Braz, 2006, p. 113). Isso acontece porque a preocupação do patrão é lucrar, o que é nítido nas últimas linhas do trecho anterior retirado do romance. Sendo o lucro, para Netto e Braz (2006), o protagonista social e a força motriz da Produção Mercantil Capitalista. Em outras palavras, o foco é maximizar o lucro e a acumulação de capital, levando à exploração da força de trabalho por meio da mais-valia.

Nesse contexto, os negócios de João Romão: a taverna; o cortiço e a pedreira, só podem existir “se tiverem no lucro a sua razão de ser; um capitalista e uma empresa capitalista que não se empenharam prioritária e sistematicamente na obtenção de lucros serão liquidados” (Netto e Braz, 2006, p. 110). Isso não faz do patrão uma pessoa egoísta ou ambiciosa, mas reflete a função social de cada um.

Esse modelo capitalista evidenciado na narrativa reforça a ideia de Löwy (2014) acerca do modelo atual capitalista, construído há séculos, visto como uma problemática, pois visar o lucro torna todos os componentes desse sistema objetos. Além disso, vive-se em uma sociedade que se preocupa com o ter, não com o ser. Por isso, João Romão, na narrativa, busca de todas as formas diminuir seus gastos, lucrar e, posteriormente, deseja ocupar um lugar na sociedade. Nas palavras do teórico:

[...]: a predominância, numa sociedade sem classes, do “ser” sobre o “ter”, isto é, da realização pessoal, pelas atividades culturais, lúdica, eróticas, esportivas, artísticas, políticas, em vez do desejo de acumulação ao infinito de bens e produtos. Esse desejo é induzido pela ideologia burguesa e pela publicidade, e nada indica que é uma “natureza humana eterna”. (Löwy, 2014, p.53)

A proposta é a existência de uma sociedade que as pessoas se preocupem com o que são, não com o que têm, rejeitando o desejo de acumulação infinita de bens e produtos. Nesse cenário proposto pelo teórico, oposto ao capitalismo e aos negócios de João Romão, que é o capitalista em busca incessante de lucros, “O projeto ecossocialista visa uma redistribuição planetária da riqueza, e um desenvolvimento em comum dos recursos, graças a um novo paradigma produtivo.” (Löwy, 2014, p. 67).

Outro incidente que expõe esses comportamentos ignóbeis de João Romão ocorre com Libório, personagem caracterizado como desprezível, que havia guardado garrafas com dinheiro em sua moradia. Ele tentou salvá-las, contudo morreu; João Romão descobriu isso, furtou esse dinheiro e não prestou socorro ao personagem, de acordo com o excerto:

Eram garrafas. Tirou a primeira, a segunda, meia dúzia delas. Depois puxou às pressas a coberta do catre e fez uma trouxa. Ia de novo ganhar a saída, mas

soltou um gemido surdo e caiu no chão sem força, arrevesando uma golfada de sangue e cingindo contra o peito o misterioso embrulho.

João Romão apareceu, e ele, assim que o viu, redobrou de aflição e torceu-se todo sobre as garrafas, defendendo-as com o corpo inteiro, a olhar aterrado e de esguelha para o seu interventor, como se dera cara a cara com um bandido. E, a cada passo que o vendeiro adiantava, o tremor e o sobressalto do velho recresciam, tirando-lhe da garganta grunhidos roucos de animal batido e assustado. Duas vezes tentou erguer-se; duas vezes rolou por terra moribundo. João Romão objurgou-lhe que qualquer demora ali seria morte certa: o incêndio avançava. Quis ajudá-lo a carregar o fardo. Libório, por única resposta, arregaçou os beijos, mostrando as gengivas sem dentes e tentando morder a mão que o vendeiro estendia já sobre as garrafas.

João Romão atravessou o pátio de carreira e meteu-se na sua toca para esconder o furto. Ao primeiro exame, de relance, reconheceu logo que era dinheiro em papel o que havia nas garrafas. Enterrou a trouxa na prateleira de um armário velho cheio de frascos e voltou lá fora para acompanhar o serviço dos bombeiros. (Azevedo, 2019, p.170)

Outro momento que também age de má fé é quando cria o cortiço, ele furta o material de construção de outros vizinhos junto com Bertoleza, mulher também que irá ludibriar:

João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte, e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a remover tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que se não ouvia vislumbre de rumor.” (Azevedo, 2019, p. 10)

Toda a riqueza acumulada por esse personagem é de maneira ilícita e prejudicial, contudo pode-se afirmar que João Romão é um sobrevivente do capitalismo, pois assim como ele engana, um dia, quando era paupérrimo, também fora enganado. Esse sistema, consoante Guattari (2012), afeta a todos de forma social e subjetiva; em outras palavras, “os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração.” (2012, p. 7), em que o único valor é o dinheiro.

Essa interpretação revela que o enredo em sua totalidade, não se limita somente à relação de João Romão com seus empregados ou inquilinos, mas evidencia uma ecosofia social em desequilíbrio, esta situação reflete a crise dos modos de vida e das relações sociais, marcada pela exploração e pela perda de valores humanos, Segundo Guattari (2012), esta

Consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano do trabalho. A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. (2012, p. 16)

Além disso, João Romão nutre o desejo de ascender à alta sociedade. Para isso, ele busca conquistar um título, o que o leva à tentativa de reconciliação com Miranda², o qual já pertence à elite. A intenção de João Romão é obter a bênção de Miranda e de Dona Estela para se casar com sua filha. Para alcançar esse objetivo, ele conta com a ajuda de Botelho, um velho falido que vivia às custas de Miranda. Botelho auxilia o português a conquistar tanto os pais quanto a sua futura esposa, além de ajudá-lo a se livrar de Bertoleza. Conforme é revelado nas últimas

páginas do livro, João Romão havia fraudado o documento de alforria de Bertoleza, e sua antiga companheira acaba devolvendo-a ao antigo dono:

Reconheceu logo o filho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo. (Azevedo, 2019, p.210)

Após isso, Bertoleza se mata e em seguida uma comissão de abolicionista chega para entregar a João Romão um diploma de sócio benemérito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *O Cortiço* (2019), de Aluísio Azevedo, expõe um microcosmo da sociedade carioca, evidenciando as desigualdades e os conflitos de classes. Ao defender a ideia da construção do muro no romance, que divide o cortiço da casa de Miranda, o autor simboliza a separação social: proprietários e trabalhadores. Por isso, João Romão anseia por pertencer a esse meio também.

Essa narrativa pode ser compreendida como uma metáfora que explora as relações sociais em um ambiente de precariedade, especialmente por meio de João Romão, o capitalista. As interações vividas pelos personagens criam tensões econômicas, sociais e psicológicas que entrelaçam a trama, tornando a ação do romance mais complexa. Essas tensões revelam as ambições e conflitos individuais dos personagens, assim como as desigualdades e a exploração presentes na sociedade do cortiço.

O aspecto entre o individual e o coletivo é compreendido por meio da construção narrativa feita por Azevedo, a partir dos conflitos pessoais dos personagens, refletindo questões maiores da sociedade. Em outras palavras, o autor permite a abordagem de temas universais e, ao mesmo tempo, mantém uma atenção às particularidades do contexto na narrativa.

Por fim, o que consagra *O cortiço* (2019) como um clássico é sua capacidade de transcender o tempo. Composto no final do século XIX, o livro ilustra o comportamento da sociedade daquele período, ressoando ainda nos tempos atuais engendrado pelos modelos capitalistas de produção.

(Re)weaving *O cortiço*, by Aluísio Azevedo: a reinterpretation through labor and ecosophy

ABSTRACT

This article investigates labor relations and ecocriticism in the novel *O cortiço* (1890), by Aluísio Azevedo, from a critical perspective based on the theories of José Paulo Netto and Marcelo Braz, in *Economia política: uma introdução crítica* (2006). To this end, the literary analysis focuses on the character João Romão, discussing the interference of the capitalist system, of which he can be understood as a rooted metaphor. This interpretation also draws on the theories of Félix Guattari, in *The Three Ecologies* (2012), and Michael Löwy, in *What is Ecosocialism?* (2014).

KEYWORDS: Brazilian literature; mode of production; novel; ecocriticism; 19th century.

NOTAS

1 - O autor viveu em uma época de significativas mudanças no Brasil. Em 1890, quando publica *O Cortiço*, dois anos antes, foi assinada a Lei Áurea pela princesa Isabel. A abolição da escravatura, o fim do trabalho escravo, um movimento resultado do abolicismo no Brasil iniciado a partir 1870, foi visto por muitos donos de latifúndio como algo prejudicial para economia da época.

2 - O motivo da desavença dos dois personagens: “Foi por isso que o Miranda comprou o prédio vizinho a João Romão. A casa era boa; seu único defeito estava na escassez de quintal; mas para isso havia remédio: com muito pouco compravam-se umas dez braças daquele terreno do fundo que ia até à pedreira, e mais uns dez ou quinze palmos do lado em que ficava a venda. [...]. Miranda foi logo entende-se com o Romão e propôs-lhe negócios. O taverneiro recusou fortemente. Miranda insistiu. [...]. Travou-se então uma luta renhida e surda entre o português negociante de fazendas por atacado e português negociante de secos e molhados.” (Azevedo, 2019, p. 14-15).

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, L. O cortiço. 3ª ed. São Paulo: Principis, 2019.

CORRÊA, P.A.C. Um certo Aluísio Azevedo: além ou aquém do Naturalismo. Rio de Janeiro: Imperial, 2019.

GUATTARI, F. As três ecologias. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

LEITE, G. M. O pensamento social brasileiro no século XIX: A construção do preconceito racial. Fato e Versões, v.8, n.15, 2016.

LÖWY, M. O que é o ecossocialismo? 2ª e.d.Cortez: São Paulo, 2014.

MOISÉS, M. A Criação Literária: prosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999

NETTO, J.P. e BRAZ, M. Economia Política: uma introdução crítica. 8ª ed. Cortez: São Paulo, 2006.

Recebido: 30 abri. 2025

Aprovado: 2 nov. 2025

DOI: 10.3895/rl.v27n50.20205

Como citar: LIRA, M.B. (Re)tecendo O cortiço, de Aluísio Azevedo: uma reinterpretação a partir do trabalho e da ecosofia. R. Letras, Curitiba, v. 27, n. 50, p. 113-125, jan./jul. 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

